

UNIVERSIDADE FEDERAL E SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE DANÇA – BACHARELADO

Sariana Tais Lima

DESPINDO TABUS PELA/ATRAVÉS DA DANÇA MANIFESTO

Santa Maria, RS

2018

Sariana Tais Lima

DESPINDO TABUS PELA/ATRAVÉS DA DANÇA MANIFESTO

Relatório Final da disciplina Laboratório de Técnica, Criação, Composição e Performance em Dança II apresentado ao Curso de Dança - Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Dança.

Orientador: Professor Doutor Flávio Campos

Santa Maria, RS

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai Oxalá por estar sempre guiando o meu caminho ao lado da minha mãe Oyá, dona da minha cabeça, juntamente com meu pai Ogum que abriram os meus caminhos para que eu chegasse até aqui.

Ao Professor Doutor Flávio Campos, por me orientar com tanta amorosidade e cuidado.

À Professora Doutora Heloisa Gravina, pelas palavras de conforto e força que me auxiliaram a seguir em frente.

À doce e querida Rosinha, secretária do curso que sempre acolhe e ajuda a todos com muita atenção, carinho e café.

Às minhas colegas Joana Carolina Fernandes, Letícia do Nascimento Gomes e Mylena Moreira por partilharem comigo todos os momentos dessa elaboração com delicadeza e carinho.

Aos membros da banca Professora Doutora Márcia Feijó, Professora Mestre Mônica Borba e à Professora Doutora Silvia Susana Wolff pelo afeto e contribuições na construção dessa caminhada.

Aos meus pais Iara Lima e Luíz Clovis de Lima por serem provedores de uma criação livre de amarras, cheia de amor, cumplicidade, respeito e por me colocarem no colo nos momentos de desespero me dando segurança.

À minha irmã e cunhado, Tatiane Bavaresco e Hugo Fabiano Bavaresco juntamente com meus sobrinhos Antônio, Eduardo Micael e Andrei por acolherem meus medos, com palavras doces e sorriso no rosto.

Aos meus amigos (as) Alexandra, Jennifer, Jéssica, Joice, Lincon, Kéllen e Melory por auxiliarem a seguir sem temer os obstáculos.

Agradeço a minha noiva Carine Martins Barcellos por ser compreensiva e cuidadosa, zelando a todo o momento por mim com todo o amor que existe em nós. Obrigada Habib!!!

À UFSM, ao Centro de Artes e Letras, ao Curso de Dança Bacharelado, aos professores e funcionários pela oportunidade de realização e conclusão do curso.

RESUMO

DESPINDO TABUS PELA/ATRAVÉS DA DANÇA MANIFESTO

AUTORA: Sariana Tais Lima
ORIENTADOR: Prof. Dr. Flávio Campos

Este trabalho discorre acerca do sexo que ocupa o lugar do velado buscando desfazer os nós do corpo feminino e o tabu acerca dele, com objetivo de falar sobre sexo sem a necessidade de explicitá-lo por meio da dança, com o desejo de transformar o espaço da cena em empoderamento e reflexão. Tendo em vista que dançar é um modo de existir, trago juntamente com a dança, o termo manifesto como identificação dos processos que construo enquanto bailarina. Entendo que a dança também pode ser um manifesto e com isso quero dizer que através da dança é possível expressar opiniões sobre questões culturais, de gênero, sexualidade, sociais, religiosas ou de quaisquer outras ordens que se queria expressar. Neste processo de criação em dança foi possível despir tabus pela/através da dança manifesto na construção do espetáculo apresentado por mim e pelas minhas colegas em um trabalho coletivo fundamental para a construção de um ser crítico em verbo e corpo, trabalhando na resignificação do que é ser um artista para mim. Sendo assim, entendo que o artista ocupa o lugar do sensível, do que faz pensar, questionar, provocar resignificando e desconstruindo tabus através do que se pode denominar dança manifesto.

Palavras-chave: Sexo, Tabu, Dança Manifesto, Processo de Criação.

Sumário

1 APRESENTA-AÇÃO	5
2 CAMINHOS	9
3 DESENVOLVIMENTO”S”	13
4 POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES...POSSÍVEIS FINAIS.....	21
5 RE(IN)FERÊNCIAS	22
ANEXO A – PROGRAMA DO ESPETÁCULO COISAS VELADAS que abrem BRECHAS para o ENCONTRO dos CAMINHOS QUE HABITO.....	23
ANEXO C – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO COISAS VELADAS que abrem BRECHAS para o ENCONTRO dos CAMINHOS QUE HABITO.	25

1 APRESENTA-AÇÃO

*Amarro em mim os teus desejos calados
O vermelho que existe dentro do céu da tua boca
Com a liquidez da tua língua que não para ao ouvir os gemidos
Que minha garganta emite
Amarro em mim tua satisfação
Nua
Que se deixa envolver pelo suor que escorre entre minhas coxas coladas nas Tuas
Assim amarro em ti a explosão que habita em mim com o nome
Prazer*

(Fonte: escrito pela autora)

Neste relatório discorro sobre um processo de criação em dança juntamente com as inquietações que somaram dentro do meu percurso na graduação em Dança Bacharelado. Trago para/atraves do corpo o sexo que ocupa o lugar do velado e vou desfazendo, assim, os nós do corpo feminino e do tabu acerca dele. Meu objetivo é falar sobre sexualidade sem a necessidade de explicitá-la, com o desejo de transformar e afirmar a cena como espaço de empoderamento e reflexão.

Para me dar embasamento e pensar sobre o que é essa dança manifesto que indico no título deste trabalho, trouxe a luz conceitos de dois autores diferentes para fundamentar a minha escrita.

A primeira, Isadora Duncan (1989), entendia que “dança é vida” e que esta está intimamente relacionada à natureza. Para Duncan o corpo é a expressão natural do Homem, é a manifestação de sua essência, ou seja, prezar pela liberdade de seu corpo/dança era entendido por ela como uma maneira não apenas de manifestar suas crenças, mas principalmente, de viver a ideia da liberdade deste corpo.

O segundo, Klauss Vianna (1990), coloca que a dança é um modo de existir. Cada um de nós possui a sua dança e o seu movimento, original, singular e diferenciado, e é a partir daí que essa dança e esse movimento evoluem para uma forma de expressão que busca na individualidade a possibilidade de um entendimento sobre a coletividade humana.

A partir desses dois mestres e pensadores das artes do corpo que compreendo que dançar é um modo de existir. Então, me recordo do porque escolhi a palavra *manifesto*. O

adjetivo *manifesto* foi atribuído a mim pelos meus colegas do curso de Dança Bacharelado logo que iniciamos nossos estudos na graduação. De acordo com eles, todas as minhas células coreográficas e/ou trabalhos escritos traziam (e trazem) um potencial de manifesto, ou seja, de expressão. Identifico-me com a atribuição do termo manifesto à minha produção, principalmente, considerando as definições deste termo encontradas no dicionário Houaiss de língua portuguesa:

Manifesto: coisa manifesta; declaração pública ou solene justificada de certos atos ou em que se baseiam certos direitos; programa político, religioso, de artistas, etc. Declaração trazida a público para fins diversos; Uma declaração formal que, geralmente escrita, transmite intenção, opiniões ou ideias políticas, particulares a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. (HOUAISS, 2009)

Conforme supramencionado, manifesto é um termo ao qual me identifico e que foi atribuído a mim e a minha produção (coreográfica e escrita). Entretanto, a primeira vez que tive a oportunidade de assistir a uma produção que identifiquei também ser manifesto, ou seja, poder também se encaixar neste termo, foi durante a graduação em uma viagem para a cidade de Pelotas-RS com o objetivo de participar de um encontro dos cursos de dança das universidades do Rio Grande do Sul. Nesse encontro tive a honra de prestigiar um trabalho corporal produzido pela acadêmica e formanda do curso de Dança da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, Luciana Rassweiler.

O trabalho cênico de Luciana trouxe para mim, com muita força, o que traduzo/entendo/interpreto como o conceito de dança manifesto. Sendo assim, entrei em contato com ela para uma conversa com o intuito de obter informações acerca daquela “dança manifesto”, pois imaginei que ela tivesse baseado seu trabalho nesta perspectiva. Na conversa que tivemos, Luciana relatou como foi o processo para a realização de seu trabalho cênico, contudo informou-me que em nenhum momento utilizou do termo *manifesto* para se referir ao próprio trabalho. Fiquei surpresa com sua fala, porque para mim, todos os movimentos por ela realizados nos 5 minutos em cena carregavam, com muita potência, o significado da palavra *manifesto*. E era justamente tudo isso que entendia, de fato, como dança manifesto. Mais recentemente, durante o processo de elaboração do meu trabalho de conclusão de curso, tentei novamente entrar em contato com Luciana para uma nova conversa sobre a minha compreensão de dança manifesto, mas não obtive retorno.

Ao entender a dança como um manifesto, quero dizer que através da dança é possível expressar opiniões sobre questões culturais, de gênero, sexualidade, sociais e/ou religiosas.

Então, por ora, para unificar os termos “dança” e “manifesto”, compreendo que essa minha “dança manifesto” diz respeito a determinadas movimentações que ocupam o lugar da cena e de seus processos criativos para provocar, causar inquietações, atordoar e fazer refletir sobre os modos de existir e produzir conhecimentos através das corporeidades dançantes - em mim e no outro.

2 CAMINHOS

No mês de Julho do corrente ano foi apresentado para a pré-banca um “pré-texto” contendo os recursos e caminhos traçados até ali. O meu trabalho teve como nome inicial *Estudo feito pelo corpo dentro de tabus: corpo feminino, libertação, e quiçá, sexualização pela/através da Dança Manifesto*. Irei discorrer a seguir sobre a elaboração deste “pré-texto” com a inserção dos questionamentos levantados pelos professores que compuseram pré-banca.

Este trabalho buscou pesquisar/investigar o corpo feminino a partir de memórias particulares que perpassam o sexo. Para explicar esse corpo feminino, seus lugares e pertencimentos, busco pela definição do termo tabu em diversos dicionários e me deparo com uma infinidade de significações que, em sua maioria, colocam um valor negativo e pejorativo para esse termo. Vejam comigo:

Instituição religiosa que, atribuindo caráter sagrado a um objeto ou a um ser, proíbe qualquer contato com eles e até mesmo referência a eles. Ação, objeto, pessoa e/ou lugar proibidos por lei ou cultura. Proibição que leva alguém a não fazer alguma coisa por medo de castigo divino ou sobrenatural. Comportamento cuidadoso que não tem justificação nem fundamento: sujeito cheio de tabus infundados. Proibição religiosa ou controle social que restringe o uso de linguagem, de um gesto, comportamento: tabus sexuais. Sobre algo ou alguém que não se pode tocar. Que não se pode fazer uso, dizer, comentar por crença, religião, fé, pudor, respeito, etc...: palavras tabus. (Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tabu/>> Acessado em 28/11/2018.)

Diz-se da pessoa que é alvo de adoração cujo mérito pode ser questionado. Proibição de determinada ação, de aproximação ou contato com alguém que é considerado sagrado. Lugar, animal, objeto, coisa ou ação proibidos por temor de castigo divino ou sobrenatural. Medo e proibição de origem religiosa, social ou cultural. Assunto que não se pode ou se deve falar. Que é proibido = interdito. (Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/tabu>> Acessado em 29/06/2018.)

Isto posto, passo então a utilizar o conceito que localiza o tabu como assunto que não se pode ou não se deve falar. E é a partir dele que transformo os meus gestos e as minhas qualidades de movimento em uma dança que se quer manifesto, causando, em quem assiste, dúvida, desconforto, curiosidade e anseio. Esta dança abre caminhos para um processo de criação que tem como desejo presentificar com e pelo corpo uma dança manifesto. O estímulo para a elaboração corporal e descritiva nasceu de perguntas que foram sendo produzidas/ao longo do processo:

Mas o que é uma dança manifesto?

O que eu posso e até onde posso ir com ela?

Quais as relações de empatia e rejeição que ela pode gerar em quem vê?

É pra rezar ou é pra "foder"?

Não minhas caras, é para dançar, gozar e ser feliz!

Neste sentido a temática é uma das possibilidades das artes da cena, no caso, a dança, como contribuição e ampliação do olhar do outro, buscando falar sobre o tabu com e no corpo, juntamente com os espaços que ele ocupa. Os espaços ocupados pelo corpo e os tabus a ele relacionados geram em mim um grande incômodo e isso me assola como artista da cena e agente sociocultural.

Coloco-me contra a ideia de uma sexualização subserviente da mulher em quaisquer relações com outrem sejam elas afetivas, íntimas, sociais, burocráticas ou casuais. Quero, com essa discussão, combater o pensamento misógino, reforçando a necessidade e a urgência de (mulheres) falar(em) sobre sexo sem que as pessoas se sintam envergonhadas ao expor seus desejos, vontades e, também, os seus não querereres e seus não desejos. As representações do feminino na cultura, a maneira como se dá a educação em relação ao corpo feminino sob a ótica da sexualidade e da sexualização são pontos reforçados por normas sociais que reprimem e aprisionam mulheres ao longo de gerações. Estas construções do ideário social acerca da sexualidade, do prazer e do sexo feminino, atribuem a ele valores como impuro, intocável e/ou indizível e são estes os pontos de partida para a produção de uma nova e outras possíveis ideias destes diversos corpos femininos. Assim, por meio da dança torno este trabalho uma possibilidade de fazer, de pensar e de produzir algo que seja corporalmente político.

Chamo aqui, como exemplo, as gerações anteriores a mim, minhas avós e outras mulheres que foram/são subjugadas ao estigma da repressão e subordinação à regras que não somente as imobilizam do ponto de vista da sexualidade, como também influenciam a sua forma de estar no mundo. Estas, as minhas ancestrais, sem sombra de dúvida contribuíram para que hoje eu pudesse falar sem pudores sobre minha formação sexual, cultural e política entrelaçada a minha produção em dança.

A autora de literatura brasileira contemporânea, Conceição Evaristo, exemplifica através de um diálogo informal no excerto de seu livro "Becos da Memória", como uma mulher é vista quando se coloca em posição de empoderamento de sua sexualidade e desejos:

A menina não gostou. – Moça-virgem, porém boba não! Endoida nada! Conversa de homem para dominar mulher! Pensa que mulher também não gosta, também não quer? A mulher vive abafando a vontade, os desejos, principalmente se moça virgem como eu! – ela retrucou.

O “frango em véspera de galo” não gostou. Achou a virgem saliente, achou a virgem não tão virgem assim! (EVARISTO, 2017, p. 22).

O meu trabalho surgiu da inquietação e do desejo de desconstruir os modelos que nos são colocados social e culturalmente desde a infância, sendo que, esse “nós”, está enfática e diretamente voltado para o corpo feminino.

O maior exemplo dessa imposição de modelos pode ser pensado a partir da constatação de que há uma negação da sexualidade na educação das meninas. É preciso ampliar o entendimento de quem são as/os agentes dessa formação e, assim, reconhecer que tratar a sexualidade como tabu é, conseqüentemente, excluir a participação das mulheres nas suas próprias vidas sexuais, culturais e até políticas.

Dentro da minha formação infantil no círculo escolar fui coibida a falar sobre sexo e sobre o meu corpo. E isso perdurou, inclusive, durante o ensino médio, momento em que eu estava me construindo intelectual e corporalmente como mulher. Na direção contrária existia, para mim, o discurso familiar mostrando o caminho oposto, meus pais sempre falaram abertamente sobre sexo, sexualidade e corpo, momentos em que o diálogo explicativo do que são e como se estabelecem as práticas sexuais me possibilitaram que hoje eu encontrasse uma forma de provocar as questões do corpo, especificamente do sexo através da dança.

Quando compreendi o que era o meu corpo, meu sexo e minha sexualidade, passei a me sentir dona das minhas relações sexuais e assim, passei a me reconhecer como senhora dos meus desejos e vontades sem recalcar meu corpo dentro ou fora das relações afetivas/sexuais.

Reforço e embaso minha afirmação com a fala de Chimamanda Ngozi Adichie (2015) sobre o péssimo hábito na educação. Para a autora a educação das meninas habita um lugar contrário a dos meninos, pois agir como um ser sexual não é tratado e/ou falado como algo natural (da natureza humana). Segundo ela, isso ressalta que opressão ou aprisionamento dos espaços do corpo feminino que estão muitas, e na maioria das vezes, limitados por ideais de bons modos e costumes estereotipados: são tratados como tabu, vide minha definição nas linhas acima.

Quero romper as barreiras de falar/dançar, as limitações que eu também tive quando o assunto era sexo. Quero explorar, assim, o corpo de uma maneira integral para que eu possa tatear a mim e o outro sem julgamentos. Quero dialogar sobre o meu sexo sem me colocar no

lugar de vergonha e com isso, transformar essas limitações desvendando as possibilidades de fala e de encontros consigo mesmo. Quero tudo isso dentro de um processo de criação e reflexão sobre a cena, ou melhor, sobre como a minha dança passa a ser manifesto.

Em razão de todo esse caminho percorrido, desenvolvo uma forma de revisitar corporalmente minhas memórias a partir do reconhecimento das minhas limitações anteriores e posteriores às minhas relações afetivas e sexuais; da educação que a escola me propôs; do convívio social/familiar; das práticas realizadas ao longo da graduação; das memórias que me limitam e que também me levaram a pensar o sexo como questionamento artístico, no qual “eu/artista” possa colocar um assunto tabu em um lugar confortável e não velado (Foto 1).

Foto 1 – Foto de Rafael Rapke - Espetáculo *COISAS VELADAS que abrem BRECHAS para o ENCONTRO dos CAMINHOS QUE HABITO* , 11/10/2018, Prédio 40C, UFSM.



3 DESENVOLVIMENTO”S”

Após o(s) caminho(s) percorrido(s), apontarei a elaboração poética do solo corporal desenvolvido na disciplina Laboratório de Técnica, Criação, Composição e Performance em dança I e II. O solo foi nomeado como *Coisas Veladas*. Lanço mão de um poema escrito por mim durante o desenvolvimento do solo como forma de introdução no relato descritivo do mesmo.

*Vele-se em si o desejo de me tocar com as pontas dos dedos,
O quente e molhado da tua libido.
Que te faz no primeiro momento suspirar e calar,
Porque ninguém pode nos ouvir.
Quero tuas mãos misturadas em meus cabelos molhados,
Com o suor escorrendo pelo teu corpo... se apertando de tanto prazer.
Venha e coloque em mim as mordanças do teu desejo e
Me faça querer ficar perdidamente na luz dos teus
Olhos devoradores.
Quero te dar o magnetismo que existe no meu gemido,
te revirando os olhos e me colocando do avesso...eu quero ser sua!
Com os devaneios dentro do que existe de mais íntimo em mim,
Deposito todas as coisas veladas que eu venero.*

O texto acima é a poética de construção e desconstrução constante dos meus desejos/memórias sexuais, em um emaranhado de emoções e sensações cobertas de cetim vermelho, lembrando-me da primeira vez que senti todo o meu corpo estremecer em uma cama de motel.

Eu exposta frente à frente com os meus desejos, querendo gritar e em outro instante querendo calar, amarrando os pés, os punhos e a boca só para desfrutar do prazer de desamarrar depois, revisitando as imagens que meus olhos registraram ao ver uma moça de cabelos ruivos explicando como ela manipulava seu próprio prazer, onde as cordas eram a majestade das suas vontades (Foto 2).

Foto 2 - Foto de Carine Martins Barcellos, Solo *Coisas Veladas*, 09/11/2018, Espaço Rozane Cardoso (Teatro Caixa Preta), UFSM.



Arranco da minha pele o suor que se dissipa, estou ali, deitada com os joelhos apontados para o teto, um impulso interno faz o quadril deslizar levemente como se eu carregasse uma gota d'água no umbigo, esse impulso é tão forte e voraz que contrações no períneo acontecem com intervalos de segundos.

O desejo que me move pelo quadril ganha forma e tamanho O movimento minúsculo não cabe mais ali, amplio essa movimentação com a vontade de tocar minhas mãos com as pontas dos dedos, simbolizando o primeiro toque. Deliro com a sensação de ter óleo nas mãos. Vou sendo invadida por essas mãos e dedos, deixando-as tomarem conta de mim, remetendo-me a uma sessão de massagens eróticas que assisti em uma casa de swing.

Retiro a mordaca em elástico da boca e coloco-a nos punhos, o ritmo de amarrar quem estabelece é o quadril com suas contrações perineais constantes, me levando ao quase ápice do prazer. Amarrar é como escolher, é como sair ou ficar, é querer e principalmente autorizar ser contida. Dentro do jogo de fetiche é estabelecido por mim e pela moça de pernas longilíneas, que nada será feito sem que a outra autorize e se sinta confortável com o que acontece dentro de um quarto a meia luz.

Perco-me em meio aos nós. Coloco os punhos amarrados acima da cabeça e retiro toda a voracidade do quadril elevado ao céu, me dando, me oferecendo como uma sobremesa em um almoço de domingo, ou ainda mais, como uma mulher dona de todas as suas vontades e libido, sem recalcar nenhum pensamento ligado ao prazer dela mesma.

Depois de me oferecer tão abertamente, descanso o quadril no chão. Trago novamente as mãos amarradas onde eu possa alimentar meus olhos ao ver os punhos serem libertos. Mesmo repousado no chão, o quadril está em constante movimento, como se clamasse pelo gozo jamais sentido pela moça com olhos verdes de oceano.

Então, como um até logo derretido em um beijo quente, os punhos despedem-se com carinho e afeto do elástico que me proporcionou sentir na pele o dolorido e apertado prazer de estar contida. Virando-me de um lado para o outro, sentindo o nó do elástico que ainda tenho nos tornozelos.

Meu corpo precisa de pausa, estou suando e ofegante então vou me colocando em posição fetal, passo a mão esquerda pelos seios, pela barriga, desço, passando levemente pela vulva e vou descendo com os dedos quentes sentindo o calor entre as pernas. Então, finalmente chego ao nó que prende meus tornozelos, com sutileza e cuidado vou desfazê-lo, trazendo à tona a lembrança de um sofá em couro marrom, abrindo os botões de uma calça preta, onde eu despia uma moça com a pele macia e branca como a neve.

Estou ali entregue, inteira, no chão em posição fetal. Respiro, me reorganizo em uma posição confortável de joelhos colados e sentada sobre os pés. Serve de mim mesma, com as mãos suadas e a garganta seca, meu corpo inteiro queima.

Quero transbordar o prazer da entrega, com as mãos espalmadas para cima simbolizando que eu aceito todo o prazer e, em outros momentos, com as mãos espalmadas para baixo em símbolo de negação. O jogo de fetiche “sim e não” transita por minhas coxas enquanto, com o olhar, convido meu desejo para entrar.

Assim, finalmente levo minhas mãos até a garganta como se por um instante eu me sufocasse. Essa movimentação me leva a ficar de pé. Sinto os meus pés abertos no chão e novamente o quadril me dá a direção de onde devo ir, de onde devo ficar. Essa movimentação me traz a vaga lembrança de uma conversa que tive com minha mãe a qual tomo a liberdade de transcrever em meu texto, pois ela diz muito sobre meus hábitos e minhas reflexões aqui expostas:

Tu é a única dona das tuas escolhas, nunca permita que em tuas relações tentem mandar em ti. Teu corpo é teu, faça com ele o que quiser, mas cuide dele também. O

sexo nem sempre é como sonhamos, mas podemos fazer as coisas serem agradáveis e prazerosas principalmente pra nós, falando o que pensamos e como gostamos para os nossos parceiros. Nunca tive outro homem além do teu pai, nós aprendemos tudo junto, porque a minha família nunca conversou sobre essas coisas comigo, e não é por isso que eu e teu pai não falaremos sobre sexo contigo. Então faça e não precisa negar as tuas vontades.. É bom mesmo. (Diálogos com a minha mãe – arquivo da autora).

Naquele momento eu vi que não estava sozinha e que as escolhas que eu tinha feito em relação a minha vida sexual não precisavam ser tratadas por mim como algo intocável ou não dito: tabu.

Transito pelo espaço dando liberdade ao meu corpo, meus órgãos, meus desejos e, até mesmo, para os meus medos. Logo, em uma quebra de movimentação, chego em cócoras, onde as minhas mãos falam por mim, colocando dentro da vulva toda a energia que dissipei nesse espaço.

Em um frenesi que não cabe mais em mim, rasgo as vendas do tabu e me mostro nua sem me despir, empoderada de todo o discurso e dos questionamentos realizados dentro do processo de criação do solo.

Afirmo pelo corpo minhas vontades e desejos que caracterizam-se por movimentos ondulares. Falar sobre minhas experiências sexuais através/pela dança é uma forma “menos velada” de se discutir a minha formação sexual.

Após a pré-banca no mês de julho de 2018 passei a elaborar e construir um trabalho cênico coletivo juntamente com minhas colegas. Os solos foram os primeiros processos criativos realizados em laboratório. Após isso, iniciou-se a produção coletiva em que cada solo colaborou para a elaboração e o desenvolvimento do espetáculo *COISAS VELADAS que abrem BRECHAS para o ENCONTRO dos CAMINHOS QUE HABITO*. Este espetáculo foi criado coletivamente pelas alunas/formandas Joana Fernandes, Leticia Gomes, Mylena Moreira e, eu, Sariana Lima com orientação/direção do Professor Doutor Flávio Campos:

Quatro percursos, quatro escolhas... olhares múltiplos e fluxos repletos de intensidades, desejos, sonhos, desenganos e encontros. Como o corpo pode buscar e visitar a história grafada pelo tempo nele mesmo? Quatro cantos com suas dobras e desdobramentos, cheios de brechas e coisas velas que se redobram e desdobram para criar caminhos possíveis de um novo/outro/de sempre habitar-se. Quatro mulheres juntas... meninas, mães, putas e santas que dançam aquilo que podem, querem e precisam para contar suas realidades vividas e inventadas no hoje. (Texto do Programa do Espetáculo – autoria coletiva)

Como a construção do espetáculo nasceu do estudo corporal trabalhado dentro dos solos, nós quatro, juntamente com o orientador/diretor, criamos um roteiro que margeou o espetáculo, tendo em sua forma original o seguinte segmento:

- Caminhada das mulheres.
- Encontro dos sentidos.
- Chegar e adentrar no grande espaço.
- Limpar o corpo, espaço e o tempo.
- Encontrar um lugar no todo.
- Síntese do solo com cinco movimentos.
- Jogo.
- Solo dentro dos espaços preparados.
- Caminhada para seguir.

Foto 3 – Foto: Calixto Bento. Ensaio do espetáculo, 04/10/2018, Prédio 40C, UFSM.



O espetáculo aconteceu nos dias 9, 10 e 11 de outubro de 2018 no primeiro andar na área externa do prédio 40C da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Em um diálogo coletivo escolhemos a utilização de um espaço não formal, justamente porque contemplaria as ideias e construções corporais desenvolvidas ao longo do percurso. Assim, almejamos, proporcionar que o espectador também estivesse em ligação proximal com as intérpretes/criadoras em todos os momentos do espetáculo, dando a possibilidade ao público

de deslumbrar e apreciar as movimentações em seu âmago. Ou seja, o espectador estava muito próximo às bailarinas e acompanhava o percurso traçado pelas intérpretes através de um longo corredor, sendo conduzidos até a área externa do prédio (Foto 3 – página anterior).

O roteiro criado servia para margear os nossos fluxos de sentidos internos (imagens, sensações, sentimentos e movimentos) e nos auxiliar no percurso da dramaturgia, ou liturgia ritual, coletiva. No entanto, cada uma das intérpretes/criadoras foi criando seu roteiro individual repleto de imagens e de processos singulares experienciados e elaborados ao longo do ano.

O roteiro pelos meus olhos

Quatro mulheres que se encontram em meio aos desencontros dentro de uma sala branca e fria, ali elas se desamarram de seus medos e se dão as mãos com tanta força que nem um tanque de guerra é capaz de fazê-las soltarem.

Elas se jogam em caminhada cuidadosa, como animais em dia de caça, levando-as para fora dessa sala branca e fria. Chegando à porta um grito para dentro como forma de afirmação das nossas escolhas.

Então estamos ali em um corredor que parece não ter fim, prontas para usar nossos corpos e danças que se entrelaçam a todo o momento. Dentro do corredor tiramos os demônios que nos rodeiam.

Chegamos ao fim do corredor, nele há um grande portão onde nos preparamos para arrancar as roupas da alma. Então despidas, cravamos os pés no chão que agora é quente e vamos nos apoiando umas nas outras, porque ter a outra ali nos dá segurança.

Chegamos a um grande espaço quadrado, o vento sopra forte e como brisa também, ajoelhamos agradecendo por ter chegado até ali.

Organizamos nossa nova morada, varrendo, atirando água d'cheiro, cantando e gritando que somos as bruxas que não conseguiram matar.

Com a morada organizada caímos no samba, sorrindo, gingando e esquivando, festejando por nós e por todas as nossas ancestrais.

Partimos então para os espaços individuais, onde exploramos nossos anseios, desejos e lembranças para depois novamente nos encontrarmos.

Antes de nos despedirmos da nossa nova casa MOSTRAMOS/GRITAMOS NOSSA RESISTÊNCIA, tendo o espaço e nossos corpos como algo político.

(Fonte: escrito pela autora) - vide Foto 4.

Foto 4 – Foto de Rafael Hapke. *COISAS VELADAS que Abrem BRECHAS para o ENCONTRO dos CAMINHOS QUE HABITO*, 11/10/2018, Prédio 40C, UFSM.



Após a apresentação do espetáculo me deparo refletindo sobre o meu processo de criação em dança e me vejo despindo tabus pela/através da dança manifesto. Considero que o compartilhamento desse processo, como um todo, entre colegas e professores é fundamental para a construção de um ser crítico, em verbo e corpo. Sinto que trabalhei na resignificação do que é ser um artista para mim e, sendo assim, entendo que o artista ocupa o lugar do sensível, daquele que faz pensar, que questiona provoca, etc... enfim, é aquele que se manifesta.

Trago para essa reflexão a recordação de um período do meu percurso dentro da graduação. Durante os primeiros anos a graduação foi pesada, difícil. Eu ingressei no curso de bacharelado com vícios estéticos relacionados a uma determinada modalidade de dança, o ballet clássico. Esses vícios eram advindos de um lugar, anterior a Academia, que habitei durante um longo período; local em que tive experiências difíceis e traumáticas em relação ao ballet.

Aos quatro anos de idade iniciei aulas de ballet clássico em um estúdio de dança e, aos quatorze anos, concluí a minha formação como bailarina clássica aos 14 anos. Durante os dez anos dessa formação, apesar das inúmeras experiências positivas e do tanto aprendido, eu me sentia muito cobrada. Durante as aulas eu era cobrada em demasia e, muitas vezes, de forma violenta e abusiva com o objetivo de realizar passos e coreografias da maneira mais perfeita/correta possível. A época, minha professora salientava que me cobrava com tamanho exagero porque entendia que eu possuía um potencial grande para a dança. Porém, essas

situações e a cobrança excessiva, causavam-me desconforto e tristeza. Tudo isso me faziam sentir mal comigo mesma e me davam a ideia de que eu não era capaz, de eu não iria conseguir corresponder às expectativas depositadas pela professora em mim. Por causa dessas experiências e depois da formação de dez anos, eu estava disposta a não entrar mais em contato com o ballet clássico.

Entretanto, ao ingressar em Dança Bacharelado, já no primeiro ano de curso, deparei-me com as disciplinas de Fundamentos da Dança Clássica I e II - ou seja, ballet clássico. Embora a professora que ministrava as disciplinas fosse muito compreensiva e sensível, tanto em suas colocações, como na maneira de conduzir as aulas, para mim a experiência ainda foi desagradável. Reviver este trauma me causou incômodo e me despertou sentimentos instigados pelos conteúdos que a disciplina trazia, principalmente pelo fato de que eu me sentia incapaz de realizar as atividades em aula.

Todavia, cito estas duas disciplinas de modo particular, pois foi através delas que rompi com meus medos, curando-me dos vícios estéticos relacionados ao virtuosismo em relação ao ballet clássico. Passo, então, a entender que cada corpo é um corpo e tem suas particularidades em potencial. Percebo que cada corpo se movimenta dentro de suas limitações ósseas e musculares, tendo a Academia como ferramenta para inquietar, pesquisar e problematizar os espaços da cena, dando forma e embasamento para minha dança que é manifesto.

Concluo que os questionamentos que levantei ao longo desse relatório, juntamente com o meu processo criativo, possibilitaram romper barreiras relacionadas aos lugares do corpo feminino e seus pertencimentos. Trazer e dar o foco central para a temática sexual através/pelo corpo foi um investimento importante para retomar e afirmar minhas buscas sobre essa tal dança manifesto. Tudo isso alinhando à importância de se fazer pensar e discutir uma formação que contemple o corpo em sua integridade, pensando aqui a sexualidade, a emoção e a empatia, ou ainda, as relações afetivas, principalmente com o foco voltado para a infância e às questões femininas. Quiçá, estaremos assim, possibilitando que essas mulheres empoderadas se tornem agentes de suas decisões políticas, sexuais e sociais.

4 POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES...POSSÍVEIS FINAIS...

Acreditar no potencial do trabalho foi fundamental para a construção deste relatório, ter como apoio as leituras feitas durante toda a graduação me proporcionou uma capacidade de avaliação profunda sobre o “o que a dança representa na minha vida”. E isso amplia a minha visão sobre arte e, principalmente, me encoraja a falar sobre mim sem medo de julgamentos – os meus e os dos outros.

Assim, posso dizer que me finalizei este curso e utilizei o espaço acadêmico para desvelar as coisas que estão veladas, dançando e refletindo sobre a educação sexual feminina ao criar uma ponte onde posso expressar abertamente a minha formação sexual, intelectual e política: eu dancei meu próprio manifesto.

Entre as pernas um silêncio

Com os lábios em tuas pernas

Gemidos

Ao te sentir inteira dentro de mim

Revirando os olhos e engolindo minha alma

Perdendo-me

Na estrada única do teu corpo

E na tua pele renascendo

Tirando-me o folego

E por fim me devolvendo o ar...

(Fonte: escrito pela autora)

5 RE(IN)FERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos Feministas**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS – Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tabu/>> Acessado em 29/06/2018.

DUNCAN, Isadora. **Minha Vida**. 11 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro, RJ: Pallas 2017.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles, **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 2009.

PRIBERAM ONLINE – Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/tabu>> Acessado em 29/06/2018.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Manual, 1998.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: Para Todas, Todesk e Todos. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Ventos, 2018.

VIANNA, Klaus. **A dança**. São Paulo, SP: Siciliano, 1990.

ANEXO A – PROGRAMA DO ESPETÁCULO COISAS VELADAS que abrem BRECHAS para o ENCONTRO dos CAMINHOS QUE HABITO.

FRENTE.



**COISAS VELADAS que
abrem BRECHAS
para o ENCONTRO dos
CAMINHOS QUE HABITO**

Quatro percursos, quatro escolhas... cada uma com olhares múltiplos e fluxos repletos de intensidades, desejos, sonhos, desenganos e encontros. Como o corpo pode buscar e revirar a história grafada pelo tempo nele mesmo? Quatro cantos com suas dobras e desvelamentos, cheios de brechas e coisas que se redobram e desdobram para criar caminhos possíveis e passíveis de um novo/outro/de sempre habitar-se. Quatro mulheres juntas... meninas, mães, putas e santas que dançam aquilo que podem, querem e precisam para contar sobre suas realidades vividas e inventadas no hoje.

CONCEÇÃO E CRIAÇÃO

Joana Fernandes, Letícia Nascimento
Gomes, Mylena Moreira, Sariana Lima
e Flávio Campos



Dedicamos esse trabalho para a
HELU (profª Heloisa Gravina).

SINTA

VERSO

GUISAS VELADAS que abrem BREGHAS para o ENCONTRO dos CAMINHOS QUE HABITO

Trabalho desenvolvido na disciplina **Laboratório de Criação, Composição e Performance I e II** pela turma A no ano de 2018.

AGRADECIMENTOS

Às Coordenações e ao Corpo Docente dos cursos de **Dança Bacharelado** e **Licenciatura em Dança** da UFSM;

À Rosane Bittencourt (Rosinha) por nos auxiliar e acolher cuidadosamente nessa trajetória;

Ao **Centro de Artes e Letras (CAL)** e à **Universidade Federal de Santa Maria**;

Aos familiares, amores, colegas, migues, afetos e desafetos... que nos impulsionam a seguir dançando;

FIGURINAGEM

Bailarinas/formandas:

Joana Fernandes
Letícia Nascimento Gomes
Mylena Moreira
Sariana Lima

Direção/orientação:

Flávio Campos

Co-orientação da Letícia:

Andrea Angeli do Amparo

Figurino, Cenografia, Maquiagem e elementos cênicos:

Todas nós

Projeto gráfico:

Calixto Bento

Concepção, experimentação e consultoria musical:

Venâncio Guedes da Luz

Concepção, montagem de iluminação e operação de luz:

Jaqueline Molosi

Consultoria e pitacos de todas as horas:

Lucca Adams Pilla

Apoio Técnico Afetivo:

Maria Clara Mariani
Bruna Macedo
Marina Leal
Leonor Erberich
EspaçoCorpo
Acasos Cia de Dança

**ANEXO C – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO
COISAS VELADAS que abrem BRECHAS para o ENCONTRO dos CAMINHOS QUE
HABITO.**



**COISAS VELADAS que
abrem BRECHAS
para o ENCONTRO dos
CAMINHOS QUE HABITO**

Espectáculo de formatura das bailarinas
**JUANA FERNANDES, LETICIA NASCIMENTO GOMES,
MYLENA MOREIRA E SARINA LIMA**
Turma A 2018

Direção: Flávio Campos

09, 10 E 11 DE OUTUBRO DE 2018

Horário: 19 horas

Local: Prédio 40C – UFSM



SINTA